

# A relação semântica de *elaboração* e a orientação argumentativa do discurso

(The semantic relation of *elaboration* and the argumentative orientation of discourse)

Fernanda Abreu e Silva Alencar<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Linguística e Filologia, Faculdade de Letras –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

alencar.nanda@gmail.com

**Abstract:** In this paper, we analyze the semantic relation of *elaboration* in both spoken and written contemporary Brazilian Portuguese. We limit the focus of our analysis to elaboration of NPs, in order to identify the type of elaborated NP and the types of text in which elaboration is placed. The most relevant differences relate to this kind of elaborated NP under consideration are, in the written discourse, which is dominated by labels with high semantic content, such as metalinguistic and indexical labels, related primarily to verbs of mental state: in spoken discourse, NPs with low semantic content prevail, for example generics and the “-phors” (cataphors), which are associated, predominantly, with relational verbs. Despite these differences, the elaborative segment in each type performs a similar role in the following ways: as an important strategy for the specification and identification of referents and moreover, in the organization of discourse.

**Keywords:** *Elaboration*; NP; Argumentation.

**Resumo:** Neste artigo, analisamos a relação semântica de *elaboração* na modalidade falada e escrita do português brasileiro contemporâneo. Delimitamos nosso objeto de análise às elaborações que expandem um SN, procurando identificar os tipos de SN elaborados e os tipos de textos nos quais a elaboração está inserida. As diferenças mais relevantes dizem respeito ao tipo de SN elaborado: na escrita, predominam os rótulos com maior conteúdo semântico, tais como metalinguísticos e indiciais. Na fala, prevalecem SNs com baixo conteúdo semântico, genéricos e essencialmente fônicos. Apesar dessas diferenças, a elaboração desempenha papel similar nas duas modalidades: constitui importante estratégia de especificação/identificação de referentes e, além disso, desempenha papel de relevo na organização discursiva.

**Palavras-chave:** Elaboração; SN; Argumentação.

## Introdução

A relação semântica de *elaboração* é uma estratégia de progressão e coesão textual, que contribui não só para o acréscimo de informações como também para a expressão dos objetivos comunicativos do falante/escritor. Ela se realiza nos contextos em que uma parte do texto elabora ou especifica o conceito expresso pela outra parte (HALLIDAY, 2004; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; MANN; THOMPSON, 1986; TABOADA; MANN, 2006), como mostra o exemplo (1).<sup>1</sup>

- (1) Tudo muito “família”. Mas nessa acumulação de atividades prosaicas, surgia o **grande desafio**: transformar a paixão em amor. (O Globo 24-10-04)

Neste estudo, focalizamos a elaboração vinculada a sintagmas nominais, com o

<sup>1</sup> Os grifos no exemplo (1) são nossos.

objetivo de identificar os tipos de SNs elaborados e os contextos discursivos da relação de elaboração, investigando os tipos textuais mais propícios a sua ocorrência.

Partimos do pressuposto de que a elaboração de SNs, além de constituir um recurso de especificação, desempenha um papel relevante na orientação argumentativa do discurso.

Analisamos uma amostra de fala e uma amostra de escrita que integram o acervo do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da língua). A modalidade de fala é representada por entrevistas sociolinguísticas que compõem a Amostra Censo 80 e a de escrita, por vários textos, coletados em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil, O Globo, Extra e O Povo*).

Este texto está organizado da seguinte forma: na primeira parte, discutimos as propriedades semânticas e referenciais do SN elaborado e analisamos os resultados referentes ao tipo de SN em questão; na segunda, caracterizamos alguns tipos de texto, apresentamos os tipos em que encontramos ocorrências de elaboração e a distribuição dessa relação nesses contextos, em seguida, mostramos o papel da elaboração na macroestrutura textual (DIJK, 1980). A terceira parte compreende as considerações finais e a quarta, as referências bibliográficas.

### **Características semânticas e referenciais do SN elaborado**

Para proceder à análise da referenciação do SN elaborado, buscamos embasamento teórico nos trabalhos de Halliday e Hasan (1976), Francis (1994) e Koch (2002).

Das estratégias de coesão analisadas por Halliday e Hasan (1976), interessa-nos a do uso dos *nomes genéricos* que são considerados pelos autores como “membros superordenados de um grupo lexical maior e seu uso coesivo é uma instância de um princípio geral segundo o qual um item superordenado opera anafóricamente como um tipo de sinônimo” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 275). Segundo eles, os nomes genéricos podem ser nomes como “coisa”, “assunto” e “ideia”.

De acordo com Koch (2002), os nomes genéricos se incluem entre as “formas remissivas lexicais” juntamente com as nominalizações, que acrescentam significado através de um movimento anafórico e se realizam lexicalmente na forma de um *substantivo-predicativo* (APOTHÉLOZ, 1995 apud KOCH, 2002, p. 90).

Tanto Halliday como Koch atribuem aos nomes genéricos uma nítida função anafórica, na medida em que encapsulam as informações contidas em segmentos anteriores. Koch admite, no entanto, que eles podem possuir uma função catafórica, principalmente quando são vagos, inespecíficos, como no seguinte exemplo<sup>2</sup> extraído do *Jornal do Brasil*:

- (2) *Ele estava nervoso, afinal o time empatou em casa um jogo que não podia perder ponto. Mas de uma coisa eu tenho certeza: não faltou empenho e por isso nenhuma daquelas palavras serviu para o grupo - disse.* (JB 06-03-04)

Como mostraremos, o conjunto de itens lexicais considerados genéricos por Halliday (1994), Koch (2002) e Francis (1994) é bastante amplo, o que abre a possibilidade de distinguir nuances semânticas.

---

<sup>2</sup> O grifo nesse exemplo é nosso.

Um conceito similar sob certos aspectos é o de *rótulos*, na forma como é apresentado por Francis (1994). Assim como os nomes genéricos, os rótulos buscam seu significado em outros elementos do contexto. Além disso, as distinções podem depender da relação coesiva, anafórica ou catafórica e do seu papel funcional: eles podem possuir uma função de sinalizadores textuais, indicando unidades de informação, rotular e avaliar porções discursivas.

Segundo a autora, os rótulos caracterizam-se, principalmente, por serem elementos nominais não-específicos que exigem realização lexical no contexto imediato. Eles desempenham a função de organizar o discurso e, geralmente, apresentam um valor argumentativo. Francis classifica-os em *rótulos metalinguísticos*, “sentença”, por exemplo; *rótulos avaliativos*, como “tolice”, e *rótulos que entram em uma categoria mais geral*, como “aspecto”.

Para dar conta de todas as ocorrências de SNs elaborados, distinguimos os SNs que efetivamente apresentam conteúdo semântico, SNs com pronomes substantivos, com pronomes indefinidos e os que funcionam como rótulos, daqueles que possuem função dêitica inerente, ou seja, aqueles cujo núcleo é um pronome demonstrativo e o sintagma “o seguinte”. Para os rótulos, seguimos em grande parte a classificação de Francis (1994), acrescentando, no entanto, outras possibilidades. A seguir, exemplificamos essa classificação:

#### A - SNs com conteúdo semântico

##### 1 - Pronomes substantivos:

- (3) Poderia acrescentar às frases do Eliakim uma<sup>3</sup> que li nos jornais e que me apresso em transcrever: “apertem os cintos, vamos decolar” (Bebeto de Freitas). (EXTRA 02-01-04)

##### 2 - Pronomes indefinidos:

- (4) Porque uma pintura geral tira tudo: tira vidro, tira tudo. Pára-lama, tira tudo. (Amostra Censo 80 – Fal. 25)

##### 3 - Rótulos metalinguísticos:

- (5) No famoso episódio da instituição, na Roma antiga, do imposto sobre as latrinas públicas, o imperador Vespasiano respondeu às críticas de seu filho Tito com a célebre frase: o tributo non olet (não cheira)”. (JB 04-03-04)

##### 4 - Rótulos avaliativos – sob essa denominação, incluímos exemplos como:

- (6) O plano não pode esquecer o óbvio: os problemas dos EUA com o Iraque e com o petróleo iraquiano estão cozinhando na mesma panela em que fervem nossa política em relação à Venezuela, ao governo Chávez e à falta que o petróleo venezuelano está fazendo aos EUA. (O GLOBO 17-01-03)

##### 5 - Rótulos que entram em uma categoria mais geral, como “coisa”, “negócio” e “lance”:

- (7) Mas de uma coisa eu tenho certeza: não faltou empenho e por isso nenhuma daquelas palavras serviu para o grupo. (JB 06-03-04)

<sup>3</sup> Os grifos nos exemplos de (3) a (16) são nossos.

A classificação apresentada até aqui não esgota todas as possibilidades de nuances semânticas do núcleo dos SNs encontrados nas amostras analisadas. Assim, distinguimos ainda os seguintes tipos de nomes:

6 - *Nomes Indiciais* - nomes indicadores que se referem a resultados estatísticos, valores de referência, indicadores financeiros etc.:

- (8) *Os elitistas que me desculpem, mas o aspecto de feira, a cara de supermercado, as pessoas saindo com sacolas cheias, os filhos atormentando os pais com pedidos, tudo isso é fundamental para tentar melhorar mais um desses índices que envergonham a cidade: segundo o Data/Gois/ Uni-Carioca, quatro em cada dez cariocas lêem apenas um livro por ano. Não é engano não – um por ano. E isso significa que há muita gente que nem isso. (O GLOBO 14-05-05)*

7 - *Resultado de atividade física ou mental:*

- (9) *Não é  tarefa fácil: depende de incontáveis decisões subjetivas e está sujeita a erros humanos. Mas é nosso trabalho. Por favor, como já disse o outro, não fuzilem o carteiro. (O GLOBO 03-06-03)*

8 - *Preceitantes:*

- (10) *Mas, estando na crista da onda das esperanças do povo, não custa nada à classe política compenetrar-se daquele princípio rigorosamente aplicado pelos dragões celestes: a quem muito é dado, muito será exigido. (JB 02-06-03)*

9 - *Relativos a sentimentos e emoções:*

- (11) *No caso do Rio de Janeiro, uma surpresa boa: Nilópolis, na Baixada Fluminense, foi apontado como o segundo melhor município do estado no combate ao analfabetismo. Niterói ficou em primeiro, com maior nível de escolaridade do país, com 9,55 anos de estudo, em média. (EXTRA 05-06-03)*

10 - *Relativos à solução de situação concreta ou abstrata:*

- (12) *Mas nessa acumulação de atividades prosaicas, surgia o grande desafio: transformar a paixão em amor. (O GLOBO 24-10-04)*

11 - *Relativos a qualidades:*

- (13) *Quer queiram ou não os estudiosos e partícipes dos fatos que envolvem o golpe de 1964, não se pode negar uma realidade aprofundada em teses e livros ao longo dessas quatro décadas: o Ipês - sim, com acento - foi preponderante no desfecho que mudou o rumo da história recente do país. (JB 04-03-04)*

Alguns casos, com número de ocorrências muito baixo, não se inserem nas categorias estabelecidas até aqui. Vejamos um exemplo:

- (14) *Porém, centros de excelência não nos faltam: a Embrapa, que proporcionou uma verdadeira revolução em nossa agricultura e exporta know-how para o mundo; a Fundação Oswaldo Cruz, que pela sua história e relevantes trabalhos dispensa comentários; e o próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que, através de seu sistema de concessão de bolsas para pesquisas avançadas, é nosso principal instrumento para a formação de cientistas. (JB 02-06-03)*

No segundo conjunto, denominado de SNs com função dêitica inerente, incluímos os SNs que funcionam apenas como um indicador de direcionalidade discursiva, sem introduzir qualquer significado.

12 - SN “o seguinte”:

- (15) *Agora é preciso que se diga o seguinte: as escolas de samba são realmente forças populares dessa cidade que faz Carnaval um autêntico sacerdócio.* (O POVO 22-01-04)

13 - Pronomes demonstrativos:

- (16) *Vamos fazer isso: vocês vão, me esperam num caramanchão lá nas barca, que eu vou dar o almoço a ele. Ele e o amigo. Assim que eles sair eu apanho a bicicleta, vou atrás de vocês.* (Amostra Censo 80 – Fal. 12)

As diferenças entre as duas modalidades aparecem nitidamente na categoria semântica dos SNs objeto de elaboração, como mostra a tabela 1:

**Tabela 1 - Tipo de SN elaborado na fala e na escrita**

	FALA	N	%	ESCRITA	N	%
S	Pronomes indefinidos	3	3	Pronomes indefinidos	2	1
N	Metalinguísticos	4	4	Metalinguísticos	60	39
	Avaliativos	1	1	Avaliativos	6	4
	Genéricos	40	39	Genéricos	10	7
E	Indiciais	-	-	Indiciais	15	10
L	Resultado de atividade física ou mental	6	6	Resultado de atividade física ou mental	17	11
A	Preceituantes	-	-	Preceituantes	8	5
B	Relativos a sentimentos e a emoções	1	1	Relativos a sentimentos e a emoções	4	3
O	Relativos à solução de situação concreta ou abstrata	1	1	Relativos à solução de situação concreta ou abstrata	13	8
A	Relativo à qualidade	2	2	Relativo à qualidade	4	3
D	Pronomes substantivos	1	1	Pronomes substantivos	1	0
	Outros	3	3	Outros	9	6
O	O seguinte	35	34	O seguinte	3	2
	Pronomes demonstrativos	5	5	Pronomes demonstrativos	2	1

Na fala, a elaboração incide de forma equivalente sobre SNs genéricos (39%) e SNs com função dêitica inerente (39%), principalmente o SN “o seguinte”.

São considerados como nomes genéricos, como mencionamos nesta seção, aqueles cujo significado é bastante genérico, tal como o da palavra “coisa”. Em muitos aspectos, o item lexical *coisa* se aproxima dos SNs com função fórica inerente, o que permite suspeitar de que ele esteja passando por um apagamento semântico, para ganhar apenas em função sinalizadora/organizadora do discurso.

A elaboração na fala está relacionada, principalmente, a SNs genéricos e essencialmente fóricos, prioritariamente, “o seguinte”. A alta frequência desses elementos pode ser explicada, numa primeira interpretação, pela característica de ancoragem dêitico-discursiva da fala,

o que reforça a tese de que a palavra *coisa*, que constitui a maioria absoluta das ocorrências de SNs genéricos, pode estar passando por um apagamento semântico que, neste contexto de Elaboração, aproxima-a dos SNs com função fórica inerente.

Diferentemente do que se observa na modalidade falada, na escrita prevalecem os nomes que dizem respeito ao campo semântico da *Metalinguagem* (39%). Seguem-se os *Indiciais* (10%), os que indicam *Resultado de atividade física ou mental* (11%) e os que remetem à *Solução de situação concreta ou abstrata* (8%). Juntamente esses três tipos somam 68% dos dados. Deve ser considerada ainda a frequência de elaborações que incidem sobre *Nomes genéricos* (7%) e *Preceituantes* (5%). Em menor número, encontram-se os *Avaliativos*, os relativos a *Sentimentos e emoções* e os relativos à Qualidade. Em último lugar, correspondendo respectivamente a apenas 1% e a 0% dos dados, estão os *Pronomes indefinidos*, duas ocorrências, e *pronome substantivo*, uma ocorrência.

Nas ocorrências em que os SNs apresentam função dêitica inerente, não se evidenciam diferenças entre a frequência do SN “o seguinte” e de pronome demonstrativo, possibilidades quase inexistentes.

A predominância de nomes que dizem respeito ao campo semântico da *Metalinguagem* e de SNs *Indiciais* na escrita pode ser relacionada às estratégias utilizadas no gênero jornalístico, em que o autor se utiliza do recurso da Elaboração através do uso de rótulos metalinguísticos, principalmente, para introduzir o discurso de terceiros e de *Indiciais* para apresentar resultados e dados estatísticos.

## Tipo de texto

Partimos da hipótese de que a relação de elaboração desempenha um papel central na organização textual e constitui uma estratégia fundamental de argumentação. Dessa forma, pode-se esperar que segmentos de elaboração se distribuam de forma diferenciada de acordo com o tipo de texto.

Antes de discutir as correlações entre o uso da elaboração e tipo de texto, cumpre precisar o significado de termos como “texto”, “discurso” e “domínio discursivo”, que serão utilizados nesta seção. Segundo Marcuschi (2007), “*texto* é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que se produz ao se manifestar em alguma instância discursiva” (MARCUSCHI, 2007 p. 24). Essa instância discursiva constitui o *domínio discursivo*, o qual dá origem a vários discursos específicos, tais como o discurso acadêmico, jurídico, militar etc.

O conceito de tipo de texto tem ocupado um espaço central não só na Linguística Textual como na compreensão de fenômenos variáveis da fala e da escrita. Marcuschi (2007), por exemplo, mostra que, equivocadamente, a expressão “tipo de texto” muitas vezes é utilizada para se referir a gênero textual, uma unidade maior que, se, por um lado, superpõe-se em alguns aspectos a tipo de texto, por outro, não se identifica com ela. Num mesmo gênero textual podem ser realizados diversos tipos de texto. Segundo o autor (MARCUSCHI, 2007), os tipos de textos devem ser definidos em termos dos seus traços linguísticos predominantes, o que formaria sequências típicas e não propriamente um texto. Diferentes conjugações desses traços linguísticos resultam numa tipologia variada.

A noção de sequência é entendida por Adam (1992, p. 218) como unidade estrutural relativamente autônoma que se organiza e se integra para constituir uma macroestrutura (cf. também DIJK, 1980). De acordo com Adam, as sequências podem ser agrupadas, de acordo com suas características prototípicas em cinco tipos básicos,<sup>4</sup> Narrativas, Descritivas, Argumentativas, Explicativas e Dialogais.

É possível distinguir essas sequências em termos do esquema prototípico de cada uma delas. O esquema prototípico da sequência narrativa pode ser descrito a partir de cinco macro-proposições, situação inicial, complicação, (re)ações, situação final e moral. O esquema da sequência argumentativa é constituído por três fases: premissas, apresentação de argumentos, contra-argumentos e conclusão. O esquema da sequência descritiva,<sup>5</sup> embora não apresente uma ordem fixa, é composto por quatro macro-proposições prototípicas: ancoragem; actualização, colocação em relação e encaixamento por subtematização. O esquema da sequência explicativa constitui-se de quatro fases, constatação inicial, problematização, resolução, conclusão-avaliação. A sequência dialogal constitui-se de três fases, abertura, transacional e encerramento. Cada uma delas pode ser decomposta em unidades dialogais ou trocas, compostas de intervenções ou turnos. Para Adam, esta sequência é a que mais se associa aos gêneros textuais característicos da comunicação oral, a conversação.

Enquanto Adam (1992) prioriza os padrões de organização da estrutura global do texto, Paredes (1997) conjuga os aspectos estruturais e funcionais na caracterização de tipo de texto. A autora afirma que a denominação *tipos de texto* diz respeito às estruturas discursivas, aos modos de conduzir e organizar o discurso. Quanto aos aspectos formais, pode-se reconhecer o tipo de texto por marcas relativas ao tempo, modo e aspecto verbais e a preferência pela 1ª, 2ª ou 3ª pessoa; quanto aos semânticos, pela natureza semântica do verbo e pela unidade semântica focalizada, tais como entidades, eventos, proposições.

No nível da estrutura interna da língua, as sequências narrativas caracterizam-se por focalizarem eventos e por apresentarem verbos de aspecto perfectivo, do tipo material, preferência pela 1ª ou 3ª pessoas, pelo uso de conectores temporais.

Os textos descritivos, centralizam-se em entidades, apresentam verbos em formas não perfectivas, preferência por formas verbais de 3ª pessoa, predicados do tipo estativo, uso de adjetivação, de orações relativas e de estruturas nominais.

Os textos procedurais focam os processos, apresentam verbos no imperativo, formas impessoais, organização sequencial e um predomínio de orações independentes.

Nas sequências textuais expressivas, predominam verbos no tempo presente, predicados com verbos de opinião, avaliativos ou subjetivos, geralmente verbos do tipo mental, e formas pronominais de 1ª pessoa.

As sequências explicativas ou expositivas se caracterizam pela predominância de verbos no presente, predicados do tipo relacional, orações explicativas, predicado nominal, maior ocorrência de conectores do tipo lógico, principalmente, hipotáticos.

---

<sup>4</sup> Segundo Adam (1992), os textos injuntivos são organizados de acordo com as mesmas fases dos textos descritivos. Para o autor, esses textos seriam descrições de ações.

<sup>5</sup> Segundo Adam (1992), a sequência descritiva é a menos autônoma de todas e dificilmente predomina em um texto.

As argumentativas, por sua vez, centram-se em proposições e apresentam verbos do tipo mental em suas formas não perfectivas, construções hipotéticas, grande frequência de relações de interdependência, hipotaxe e encaixamento, uso de operadores argumentativos e de modalizadores.

As sequências dialógicas estão associadas a maior recorrência de verbos *dicendi*, uso de dêiticos e alternância entre as 1ª e 2ª pessoas.

Nas amostras examinadas, foram encontradas elaborações nos seguintes tipos de texto:

#### a – Expositivo

- (17) *Roubos de celulares disputam com a venda dos aparelhos, em todo o território nacional, o desempenho estatístico. O sucesso da telefonia móvel no Brasil superou todas as previsões: da metade dos anos noventa até 2000, o mercado cresceu aceleradamente. No final de 2001, estavam em funcionamento 26 milhões de aparelhos. Mas o roubo móvel não quis ficar para trás e tratou de fazer estatística. A Secretaria de Segurança fala de 959 casos, em setembro, no Estado do Rio, mas apenas quando a vítima registra queixa. A Anatel tem informação de dez mil aparelhos roubados por mês em todo o país. A lista negra é sigilosa para não espantar os futuros e atuais usuários. De novembro de 2000 a outubro de 2002 a Anatel registrou total de roubos superior a 600 mil. O mercado paralelo pede ação de todas as polícias.* (JB 01-11-02)

De acordo com a organização proposta por Adam (1992), a sequência explicativa do trecho acima apresenta três fases: constatação inicial (*Roubos de celulares disputam com a venda dos aparelhos, em todo o território nacional, o desempenho estatístico*); Problematização (*O sucesso da telefonia móvel no Brasil superou todas as previsões: da metade dos anos noventa até 2000, o mercado cresceu aceleradamente. No final de 2001, estavam em funcionamento 26 milhões de aparelhos. Mas o roubo móvel não quis ficar para trás e tratou de fazer estatística. (...) total de roubos superior a 600 mil*) e Conclusão-avaliação (*O mercado paralelo pede ação de todas as polícias.*). Do ponto de vista formal, verifica-se a predominância de verbos no presente e de conectores adversativos.

#### b – Argumentativo

- (18) *F: Bom, eu acredito o seguinte: para você dar uma resposta, assim, leva muita coisa junto. Mas eu acredito e se eu acho que isso aí é – é uma falta de politicamente, todo mundo não estar engajado. Essa é que é a verdade. Outro dia, eu estava conversando com colega meu e a respeito de política. Na – respeito de quê? Agora você vai votar? Não, não vou votar mais é nesses camarada não fazem nada. Então, eu disse para ele o seguinte: que à medida que a gente cobrar do político que a gente votou, esse político vai ter que fazer mais alguma coisa para a gente. E a mesma coisa seria o governo e todas essas coisa de governo.* (Amostra Censo 80 – Fal. 45)

O exemplo acima apresenta três fases: premissa (*é uma falta de politicamente, todo mundo não estar engajado.*); apresentação de argumentos (*Outro dia, eu estava conversando com colega meu e a respeito de política. Na – respeito de quê? Agora você vai votar? Não, não vou votar mais é nesses camarada não fazem nada.*) e conclusão (*Então, eu disse para ele o seguinte: que à medida que a gente cobrar do político que a gente votou, esse político vai ter que fazer mais alguma coisa para a gente. E a mesma coisa seria o governo e todas essas coisa de governo.*). Além disso, o predomínio de traços como foco em proposições, formas verbais não perfectivas (*estava conversando, vai votar*); construções hipotéticas (*à medida que a gente cobrar do político, vai ter que fazer, seria*); grande



frequência de hipotaxe e encaixamento e uso de operadores argumentativos, permitem considerar o trecho em questão como argumentativo.

### c – Descritivo

- (19) *A novidade era esta: o medo tinha descido o morro - aquele medo humilhante que o terror dos traficantes causa à população das favelas há tanto tempo. O que mais angustiava é que o medo apresentava a consistência de uma assombração: não tinha forma nem som. Não se ouvia tiro, grito ou correria, nada. Só a sua pesada e invisível presença. Se o fruto de uma amendoeira caísse sobre o capô de um carro, o pânico se alastraria. Era aquela sensação tão bem definida por Guimarães Rosa: “O medo é uma pressão que vem de todos os lados”.* (O GLOBO 05-10-02)

A sequência descritiva acima apresenta três das quatro macroproposições apresentadas por Adam (1992): ancoragem (*A novidade era esta: o medo tinha descido o morro - aquele medo humilhante que o terror dos traficantes causa à população das favelas há tanto tempo.*); relação (*o medo apresentava a consistência de uma assombração*) e aspectualização (*não tinha forma nem som. Não se ouvia tiro, grito ou correria, nada. Só a sua pesada e invisível presença. Se o fruto de uma amendoeira caísse sobre o capô de um carro, o pânico se alastraria. Era aquela sensação tão bem definida por Guimarães Rosa: “O medo é uma pressão que vem de todos os lados”.*). O trecho centra-se em uma entidade (*medo*), apresenta verbos na forma não-perfectiva (*angustiava, apresentava, tinha*); predominam as formas de 3ª pessoa, o uso de adjetivação (*humilhante, pesada, invisível*).

### d – Narrativo

- (20) *Seu Manoel era um sargento, tinha vinte ano de caserna, um sargento antigo. Aí o tenente chegou e disse: “ó, seu Manoel, é o seguinte: morreu a mãe do novecentos e dez e nós temos que dar a notícia. - “o senhor pode ficar tranquilo, o senhor pode ir descansado, que eu dou a notícia, ele não vai nem perceber.” Tudo bem. Seu Manoel chegou, botou o pessoal todo no pátio e (“disse”): “atenção! Quem tem mãe viva sentido! Dê um passo à frente! Você não novecentos, você fica.” “Não lhe disse tenente, (“dava a notícia), que ele nem ia sentir”.* (Amostra Censo 80 - fal. 07)

O esquema dessa sequência narrativa compõe-se de três fases: situação inicial (*Seu Manoel era um sargento, tinha vinte ano de caserna, um sargento antigo.*); complicação (*Aí o tenente chegou e disse: “ó, seu Manoel, é o seguinte: morreu a mãe do novecentos e dez e nós temos que dar a notícia*); (re)ações (*“o senhor pode ficar tranquilo, o senhor pode ir descansado, que eu dou a notícia, ele não vai nem perceber.” Tudo bem. Seu Manoel chegou, botou o pessoal todo no pátio e (“disse”): “atenção! Quem tem mãe viva sentido! Dê um passo à frente! Você não novecentos, você fica.”*) e situação final (*“Não lhe disse tenente, (“dava a notícia), que ele nem ia sentir.”*) A sequência focaliza um evento e apresenta verbos de aspecto perfectivo (*morreu, chegou, botou*), preferência pela 1ª. ou 3ª pessoas.

A tabela 2 mostra a distribuição da relação de elaboração de acordo com o tipo de sequência discursiva em que ela ocorre.

**Tabela 2 – A elaboração de acordo com o tipo textual na fala e na escrita**

	Escrita		Fala	
	N	%	N	%
Argumentativo	80	51	51	50
Expositivo	67	44	33	33
Descritivo	4	3	1	1
Narrativo	3	2	17	16

De acordo com a tabela 2, na escrita, mais da metade das ocorrências de elaboração (51%) estão inseridas em trechos argumentativos, seguindo-se sua ocorrência em textos expositivos (44%). A relação de elaboração é significativamente menos frequente em textos descritivos (3%) e narrativos (2%). Também na modalidade falada, a maioria das elaborações está inserida em sequências textuais argumentativas (50%) e expositivas (33%). Entretanto, nessa modalidade, verifica-se frequência mais significativa de *elaborações* inseridas em trechos narrativos (16%).

Com base nesses resultados, observamos que a *elaboração* é uma estratégia principalmente utilizada em sequências argumentativas, que podem ser consideradas mais subjetivas. Se considerarmos a forma como os segmentos discursivos de elaboração se inserem na macroestrutura textual,<sup>6</sup> depreende-se o papel dessa relação semântica na construção da argumentação. Uma análise dos contextos em que se inserem os trechos de elaboração permite mostrar a alta recorrência de trechos de elaboração em contextos como os exemplificados a seguir:

A – **Reforço de uma orientação argumentativa**, através da introdução de evidências (dados estatísticos, exemplos, depoimentos) que comprovam uma afirmação, ou justificam uma tese ou uma conclusão.

(21) *Segundo ele, o reajuste de seguro no Rio foi, em média, de 15% desde o ano passado. Brandão acrescenta que o aumento no valor da apólice pode ser ainda maior se o veículo estiver entre os modelos mais roubados, como o Gol, o Golf e a F-1000.*

- O Rio tem um número de roubos muito grande, o que toma seus seguros mais caros do que em São Paulo e nas outras regiões metropolitanas do país - afirma o diretor do Sindicato das Seguradoras, Roberto Santos.

*Segundo dados do Sindicato das Seguradoras, de 95 a 98 os números nos quatro primeiros meses de cada ano tiveram pouca variação. Mas, em 1999, houve um pico: a média foi de 4.015 casos mensais.<sup>7</sup> Os índices tiveram nova queda no mesmo período dos anos seguintes: média de 3.595 em 2000 e de 3.397 em 2001. No entanto, a estatística voltou a subir no ano passado, com a média de 4.181 carros levados por mês de janeiro a abril. O total anual também atingiu picos em 99 e 2002. No primeiro ano, foram 47.218 roubos e furtos, enquanto o ano passado registrou 53.027 ocorrências. (EXTRA 04-06-03)*

Nesse exemplo, pela expansão de um SN indicial “um pico”, a *elaboração* apresenta a média de roubos de veículos no ano de 1999, o que explica/justifica a tese de que o aumento dos seguros de carro no Rio é devida ao número de roubos.

<sup>6</sup> Tal como está sendo empregada neste estudo, a noção de macroestrutura remete para a posição de Van Dijk (1980) para quem todos os textos apresentam uma estrutura esquemática denominada superestrutura, que é preenchida pelo conteúdo semântico das proposições. A macroestrutura é o conjunto de proposições – macroproposições – que serve para dar sentido e coerência global ao texto.

<sup>7</sup> Grifo nosso.

## B – Reorientação argumentativa

- (22) *Deu no Estadão, no dia 28: “Ibope do SBT coloca em xeque audiência da Globo”. A matéria é sobre a estreia de um novo sistema de medição de audiência que apontou algumas diferenças em relação ao que é aferido pelo Ibope mas logo deixou de funcionar. No mesmo dia, a Folha registrava: “A Band comemora que sua apresentadora Márcia Goldsmith venceu Wagner Montes em audiência”. O importante da reportagem do Estado de S. Paulo não estava no lead, mas no que vinha mais abaixo, o registro da média de audiência de todas as redes abertas de televisão. As diferenças entre os dois institutos não são relevantes. No horário nobre, os patamares, em números redondos, são os seguintes: Globo, 30 pontos; SBT, 12; Record, 5; Band, 3,5; Rede TV!, 3; Cultura, 1. À exceção de Globo e SBT, portanto, todas as redes brasileiras têm menos de 5 pontos de audiência no horário nobre. Mais cedo é bem pior. Entre sete da manhã e meio-dia, por exemplo, a Globo tem 8 pontos e o SBT, 7. Em seguida vêm a Record, com 2, Cultura, com 1, Band, com 0,5, e Rede TV, com 0,4.*
- Juntando o texto do Estado com a nota da Folha, é difícil entender o que existe para comemorar. O brasileiro recebe hoje uma das piores televisões do mundo no que diz respeito à qualidade. Existe a crença generalizada de que na televisão maciça, genérica, é assim mesmo que deve ser: quanto pior, melhor, para atingir o maior número de espectadores, afinados pelo mínimo denominador comum.
- Mas não há nada de maciço quando se está disputando 1 ou 2% do mercado. Quando esses números são 20 vezes maiores, entende-se, ainda que não se justifique, que se relute em melhorar a qualidade da programação, com o risco de perda de 2 ou 3 pontos na audiência medida quantitativamente. Quem está na retaguarda, no entanto, goza da relativa vantagem de não enfrentar risco algum. Com o devido respeito, não sobram razões visíveis para que se tenha Wagner Montes ou Márcia Goldsmith como padrões de excelência. Muito menos para que se insista no imitativo, vulgar e banal, que não está sendo capaz de conquistar nem 5 % do mercado. (JB 03-06-03)*

Nesse exemplo, o autor introduz como ilustração para sua afirmação dados estatísticos da audiência televisiva brasileira. A partir desses resultados afirma que não há o que comemorar e argumenta que a televisão brasileira é uma das piores do mundo em qualidade. A seguir, a argumentação passa a ser construída a partir da contestação apresentada pelo segmento que expande o SN “a crença generalizada”. Esse SN, por sua vez, já demonstra a não adesão do autor à proposição que se segue. No discurso seguinte, introduzido pelo conector adversativo “mas”, o autor mostra que a vantagem quantitativa dos programas considerados de baixa qualidade não corrobora a afirmação presente no segundo segmento da *elaboração*, assim, essa relação introduz uma re-orientação argumentativa.

## C – Introdução de um tópico ou subtópico discursivo investido de uma avaliação

- (23) *Quer queiram ou não os estudiosos e partícipes dos fatos que envolvem o golpe de 1964, não se pode negar uma realidade aprofundada em teses e livros ao longo dessas quatro décadas: o Ipês - sim, com acento - foi preponderante no desfecho que mudou o rumo da história recente do país.<sup>8</sup> Dissecado com extrema competência pelo doutor em Ciências Políticas René Armand Dreifuss, em seu livro 1964: “A Conquista do Estado - Ação Política, Poder e Golpe de Estado”, o Ipês reuniu o que ele chamou, com propriedade, de “elite orgânica”, composta por empresários, militares, parte da Igreja e segmentos à direita dos meios sindicais e estudantis. Engana-se, portanto, quem ainda hoje fala em “golpe militar”, apenas. (JB 04-03-04)*

No exemplo acima, a partir do trecho de *elaboração*, o escritor desenvolve um discurso centrado no referente/tópico especificado no segmento elaborador (O Ipês). Esse referente é anunciado no SN “uma realidade”, investido de uma avaliação, nesse caso,

<sup>8</sup> Grifos nossos.

mostrando a adesão do autor ao que será dito. Os argumentos apresentados no discurso que segue à *elaboração* pretendem confirmar o papel fundamental do Ipês na consolidação do golpe de 1964.

Contextos como os que ilustramos acima são particularmente predominantes na modalidade escrita (Reforço de uma orientação argumentativa (98/64%); Introdução de uma re-orientação argumentativa (5/3%); Introdução de um tópico ou subtópico do discurso — 26/17%). A função de reforço de uma orientação argumentativa é significativa igualmente na fala (41/41%).

Nessa última modalidade, no entanto, ressalta, como já destacamos na seção anterior, o uso do SN fórico “o seguinte”, praticamente ausente da escrita. Esse SN se encontra mais frequentemente associado a contextos que poderíamos denominar de detalhamento de uma situação complexa, como nos exemplos a seguir:

#### D – Detalhamento de uma situação complexa

Nesse contexto, a expressão “o seguinte” pode introduzir dois tipos de texto, expositivo/argumentativo, como mostra o exemplo (24) ou narrativo (25). Nos dois casos, o discurso que se segue envolve uma certa linearidade temporal, ou seja, ações/processos que se dispõem no eixo do tempo.

- (24) *E- E vem cá, como faz essa para comprar um jogador, como os clubes fazem, não é, a transação?  
F- É o seguinte: a gente, quando assina [um]- um contrato, com um clube, existe duas cláusulas, não é? Ou uma cláusula com- com dois item. Ou você tem passe livre, ou então você é preso ao- [ao]- ao clube, o passe pertence ao clube, ou então você, quando faz, faz o contrato com passe livre, que não é interessante para o jogador não. O jogador fica meio desvalorizado. Quando ele está livre, aí livre ninguém quer, não é?, está livre é porque ninguém quer! Então, esses jogadores que têm o passe caro são justamente os mais procurado, porque realmente também têm qualidades, não é verdade? E, então é isso, o clube fica com esse direito do passe. Então você, quando quer se transferir, o clube estipula o preço do seu passe. De acordo com o seu futebol! Você é bom, no caso, aqui, vamos citar: hoje o bom é o Zico. Então, o clube se- o clube rejeita a ofertas aí de- de cem, cento e cinquenta milhões, não é? “Então”) ele rejeita isso aí, porque acha que tem- que o jogador tem mais valor. Essa é que é a lei do- do-da- da transferência, a lei do passe. Que nós somos jogadores. Eu digo: nós, os jogadores, somos preso sob contrato. (Amostra Censo 80 – Fal. 14)*

O trecho (24) ilustra o uso da expressão “o seguinte” para introduzir um discurso expositivo/argumentativo em que o falante procura detalhar o processo de compra/venda de um jogador de futebol. O falante inicia seu discurso explicando os dois tipos de passes, passe livre e passe que pertence a um clube. A seguir, passa a explicar/argumentar a favor do segundo tipo e conclui a explicação dessa situação complexa, afirmando que o jogador está submetido à “lei do passe” por um contrato.

No exemplo (25),<sup>9</sup> a expressão “o seguinte” introduz uma narrativa. As poucas ocorrências de “o seguinte” na escrita desempenham essa mesma função.

- (25) *Foi o próprio Monarco quem me tocou a respeito. Antes que o fiel leitor encare com estranheza essa homenagem, já que sendo portelense, mais certo seria a homenagem partir da Portela. A bem da verdade, deixe-me narrar o seguinte: Numa certa época de sua vida, Monarco perdeu-se de paixão por uma sestrosa cabrocha moradora no Jacarezinho, localidade onde foi morar com a sua amada.*

<sup>9</sup> Os grifos nesse exemplo são nossos.

Nessa época em estava sendo feita a fusão das escolas de samba existentes no Jacaré para a fundação da Unidos do Jacarezinho. Monarco além de engajar-se na nova escola, também passou ser o mais importante compositor da agremiação. Tanto isso é verdade, que no Carnaval de 1967 ele riscou para a Unidos do Jacarezinho o antológico samba enredo “A execução de Frei Caneca”. Com este samba a escola foi campeã logo no seu primeiro ano de desfile. O “casamento” Monarco com a Unidos do Jacarezinho foi tão sólido ele passou a ser uma espécie de “guru” da escola, além de continuar compondo belos sambas enredos.

Mais tarde, Monarco chegou ao cargo de presidente da Unidos do Jacarezinho legando a escola o título de campeã com o enredo em homenagem ao saudoso escurinho Geraldo Pereira.

*Por isso Monarco ganhará essa pomposa homenagem da nossa Unidos do Jacarezinho. Nossa porque este humilde JCN também andou “batucando” por lá na mesma época que o inspirado Monarco da Portela era na rosa-e-branca, o “rei da cocada”. (23-03-04 O POVO)*

Em (25), o SN “o seguinte” introduz uma sequência narrativa cujo objetivo é ressaltar a ligação de Monarco com a Unidos do Jacarezinho: o personagem apaixonou-se por uma moradora do Jacarezinho, foi morar nesse lugar com o qual se identificou de tal forma que se tornou o presidente da escola de samba local. Essa narrativa apresenta linearidade temporal marcada pelas expressões “Numa certa época de sua vida”, “no Carnaval de 1967” e “Mais tarde”; por verbos materiais (“engajar-se”, “riscou”) e verbos no perfectivo (“perdeu-se”, “foi morar”, “foi”).

A amostra de fala apresenta ainda a função de *ênfase em um referente* e, de maneira mais recorrente, a de *introdução de um parênteses*.

#### E – Ênfase em um referente já introduzido no discurso

- (26) *F- É que o encarregado de lá levou a carteira dela para assinar, mas acabou que o cara não levou a carteira. O cara, olha, sumiu. Se arrancou que ninguém sabe onde ele anda, já fez procurado [...] procuração por ele, por tudo quanto é lugar, não encontro. Agora, esses dia, que o rapazinho encontrando [...] conversando lá com a minha garota, disse: “Ó, Lourdes, já conseguiram ver aonde seu Antônio está. Ele está lá em Petrópolis. Na casa lá do pessoal dele.” Ai, o advogado esperando ele chegar. E com isso minha garota está custando a receber o dinheiro dela, porque lá o o ordenado lá é cinquenta e quatro mil cruzeiro. E fora os dia que ela trabalhou, não é? Os três meses e os dia que ela trabalhou. Está uma confusão! Ela, coitada, querendo arrumar um negócio, qualquer coisa, trabalhar, para poder conseguir o estudo dela, terminar, não é? Que ela quer se formar em arquiteto, sabe? Fazer coisa de cerâmica, não é? O curso de cerâmica, que a loucura dela é isso: é o curso de cerâmica.<sup>10</sup> Porque eu não pude pagar mais. Está pedindo dez mil cruzeiro, onde ela está estudando. Eu não pude pagar. Ela, enquanto estava na Capemi, ela pagava, não é? O cursozinho dela, o estudo e tudo, mas... ai, houve essa imprevisto, também, de... dela ser operada. Ai, ela parou com tudo. Agora, está numa situação. (Amostra Censo 80 – Fal.12)*

No exemplo acima, através da *elaboração* do SN *loucura*, que neste contexto significa *forte interesse*, e com o auxílio do pronome demonstrativo *isso*, que funciona como sinalizador da *elaboração*, o locutor enfatiza o interesse de Lourdes pelo referente introduzido anteriormente, o curso de cerâmica.

#### F – Introdução de um parênteses — a relação de *elaboração* provoca a suspensão temporária do tópico em curso.

- (27) *Marta, eu- eu gostei, gostei, gostei, gostei, gostei muito, sabe como é que é? e eu acho que foi por causa disso é que eu, hoje em dia, eu não dou valor ... mulher. Não quero dizer que eu maltrate, eu trate mal. Eu trato bem. Todas as mulheres que param comigo, eu amo, “eu te amo”. Sabe?*

<sup>10</sup> Grifos nossos.

*Trato bem, dou altos carinho, faço de tudo para não fazer de nada. Mas, se, de repente, vacilar e eu sentir que não dá mais, eu mando embora. Do mesmo jeito que ela entrou, que eu comecei a amar ela, ela vai embora do mesmo jeito? Tudo por causa desse grande amor que eu tive na minha vida, uma desilusão. Eu tratei bem, sabe como é que é? Dei carinho, dei tudo e quando eu vi que - ela sentia que eu estava dando carinho, amor demais, quis montar nas minhas costa. Nas minhas costa é o seguinte: não monta, não.<sup>11</sup> Aí, eu: mandei-a mandei ela ir para o para caixa prego, sabe como é que é? Passei um grande tempo, sabe? sem sair com ninguém. Voltava no quartel, tinha uma garotinha ali da Teixeira que vinha atrás de mim aí, eu não queria papo. Depois que eu caí na real, eu falei: “pô”! Porque que eu vou ficar nessa? Eu vou é curtir com a cara delas e” como é que é? (Amostra Censo 80 – Fal. 15)*

Neste exemplo, o falante está explicando uma situação específica da sua relação com uma ex-companheira, afirmando que a tratava com amor. A *elaboração* é incluída nesse contexto como um comentário avaliativo da situação exposta. Esse discurso é interrompido e depois retomado, ou seja, o locutor continua falando a respeito desse namoro e como ele mudou sua maneira de relacionar-se com outras mulheres. Note-se que, neste exemplo, a elaboração também apresenta a função de enfatizar o fato de ele não estar submisso a ninguém, através da presença do SN “o seguinte”.

Destaca-se, na *elaboração* na fala e na escrita, a função argumentativa. Em ambas as modalidades, predomina a *elaboração* que introduz evidências que comprovam uma afirmação, ou justificam uma tese ou uma conclusão. Equiparam-se também as ocorrências da função de introdução de um tópico ou subtópico investido de uma avaliação, demonstrando o caráter subjetivo dessa relação. Na fala, devido às peculiaridades apresentadas pela elevada presença do SN “o seguinte”, demonstram-se salientes as funções de introdução de um parênteses e apresentação de uma situação complexa.

## **Considerações finais**

A análise da elaboração de SNs na fala e na escrita revelou similaridades e diferenças entre essas duas modalidades. A similaridade mais saliente diz respeito à contribuição da elaboração para a especificação/identificação de referentes e seu papel na organização textual. Destaca-se a ocorrência da elaboração em contextos mais argumentativos e subjetivos.

A diferença mais importante entre as duas modalidades diz respeito ao tipo de SN elaborado. Constatou-se, na escrita, predominância absoluta de rótulos com maior conteúdo semântico, tais como metalinguísticos e indiciais, através dos quais, geralmente, é introduzido o discurso de terceiros (metalinguísticos) e são apresentados resultados e dados estatísticos (indiciais). Na fala, predominam SNs com baixo conteúdo semântico, genéricos e essencialmente fóricos. Essa diferença pode ser uma consequência, por um lado, da ancoragem dêitico-discursiva da fala e, por outro, da forma de planejamento *online* dessa modalidade.

As particularidades funcionais da elaboração de acordo com a modalidade refletem em grande parte a variação observada no tipo de SN predominante em cada modalidade. A função de reforço de orientação argumentativa se destaca em ambas as modalidades, principalmente, na amostra de escrita, relacionada aos rótulos metalinguísticos e indiciais na apresentação do discurso alheio e de dados estatísticos, conferindo confiabilidade e objetividade ao texto escrito. Na fala, embora ainda predomine a função de reforço de

---

<sup>11</sup> Grifo nosso.

orientação argumentativa, destaca-se também a função de detalhamento de uma situação complexa, especialmente relacionada à expressão “o seguinte”.

Assim, atestamos a nítida associação entre elaborações e sequências argumentativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. *Les textes: Types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992

DIJK, T. A. Van. *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1980.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (Ed.), *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994. p. 83-101.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004 [1985]. 689 p.

\_\_\_\_\_.; HASAN, Ruqaya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

MANN, William C.; THOMPSON, S. *Relational Propositions in Discourse*. Los Angeles: ISI, Information Sciences Institute of University of Southern California, ISI/RR, 1986.

MARCUSHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007. p. 19-36.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; THOMPSON, Sandra A..The Structure of Discourse and “Subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (Eds.) *Clause Combining in Discourse and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

PAREDES, Vera Silva. Forma e função nos gêneros de discurso. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 41, p. 79 - 98, 1997.

TABOADA, M.; MANN, W.C. Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead. *Discourse Studies*, v. 8, n. 3, p. 423-459, 2006. [Pre-publication version, in pdf]. Disponível em: <[http://www.sfu.ca/rst/old\\_news.html](http://www.sfu.ca/rst/old_news.html)>. Acesso em: 12 out. 2009.